



**ENTRE PLANOS E ESPAÇOS: ARTE, CIDADE E FORMAÇÃO DO OLHAR
CRÍTICO**

***BETWEEN PLANS AND SPACES: ART, CITY AND FORMATION OF CRITICAL
EYE***

**Regina Johas
UFRN**

RESUMO

Como responder à provocação de refletir sobre esta era de extremos? Desequilíbrios atravessam o campo ambiental, social e político, e mais do que nunca, torna-se fundamental formar artistas capazes de perceber, refletir e intervir nas dinâmicas complexas do mundo contemporâneo. Nesse cenário, o ensino da arte assume um papel estratégico, ao proporcionar espaços de experimentação que ampliam a consciência sobre o lugar que ocupamos e as relações que estabelecemos com o meio e com o outro. É nesse espírito que se insere a proposta pedagógica desenvolvida na disciplina Tridimensional I. Mais do que uma introdução à linguagem espacial, essa abordagem fomenta a construção de um repertório crítico em arte contemporânea, convocando o/as aluno/as a refletir sobre questões como sustentabilidade, relações sociais, impacto ambiental e o uso do espaço público.

Palavras-chave: Ensino tridimensional. Intervenção urbana. Arte contemporânea. Espaço público. Metodologia de ensino.

ABSTRACT

What might be the response to the provocation of reflecting on this age of extremes? Imbalances are spreading across the environmental, social and political fields, and more than ever, it is essential to train artists capable of perceiving, reflecting and intervening in the complex dynamics of the contemporary world. In this scenario, art education assumes a strategic role, by providing spaces for experimentation that expand awareness of the place we occupy and the relationships we establish with the environment and with others. It is in this spirit that the pedagogical proposal developed in the Three-Dimensional I discipline is inserted. More than an introduction to spatial language, this approach fosters the construction of a critical repertoire in contemporary art, calling on students to reflect on with issues such as sustainability, social relations, environmental impact and the use of public space.

Keywords: *Three-dimensional teaching. Urban intervention. Contemporary art. Public space. Teaching methodology.*



1. Introdução

Aluno/as que ingressam na prática tridimensional frequentemente trazem uma bagagem sólida no bidimensional, mas carecem de vivência espacial. O desafio pedagógico consiste em propor uma transição sensível e progressiva. A proposta *Do Plano ao Espaço*, desenvolvida na disciplina Tridimensional I, parte dessa necessidade, introduzindo procedimentos simples — cortes e dobras em superfícies planas — que gradualmente revelam as potências do espaço tridimensional.

Este artigo analisa como a metodologia, ao articular maquetes em papel com a proposição de intervenções urbanas, não só facilita a transição do bi para o tridimensional, mas também insere os alunos em debates contemporâneos sobre arte, espaço público e responsabilidade social.

2. Metodologia: Da Maquete à Cidade

A abordagem metodológica divide-se em duas etapas principais:

1. Experimentação com Maquetes em Papel: Nesta fase inicial, os alunos partem de superfícies planas, transformando-as em volumes por meio de cortes e dobras. O processo permite explorar relações espaciais básicas, como proporção, equilíbrio e ritmo, em um ambiente controlado e de baixa complexidade. Além disso, essa etapa reduz a resistência inicial à tridimensionalidade e promove uma compreensão mais tátil e intuitiva do espaço.

2. Intervenção Urbana: Na segunda etapa, as maquetes e os conceitos desenvolvidos são transpostos para o espaço público, ampliando-se em escala, materialidade e complexidade. Os locais escolhidos para intervenção — praças, áreas degradadas ou espaços de conflito — são carregados de significados históricos e sociais, proporcionando aos alunos/as uma experiência direta de reflexão sobre as dinâmicas urbanas. As ações propostas atuam como dispositivos



de ressignificação, permitindo que os estudantes testem na prática o potencial da arte como ferramenta crítica e transformadora da cidade.

3. Entre Espaço e Experimentação

Ao partir de superfícies planas e transformá-las em volumes por meio de cortes e dobras, os estudantes são convidados a explorar de forma intuitiva e aberta as inúmeras possibilidades de configuração espacial. Essa prática inicial, ao mesmo tempo simples e potente, permite um mergulho nas noções fundamentais do tridimensional: volume, equilíbrio, proporção e ritmo. À medida que as formas se erguem do plano, o espaço se revela como campo de experimentação e descoberta, onde cada gesto — um corte, uma dobra, uma junção — ativa novas relações entre cheios e vazios, estabilidade e movimento.

Mais do que um exercício, essa exploração se caracteriza pelo seu aspecto lúdico, despertando uma compreensão tátil e sensível da tridimensionalidade. A liberdade para testar, errar e refazer favorece a emergência de soluções inesperadas e amplia o repertório formal dos estudantes. Assim, a prática se torna um território fértil para a invenção, onde o aprendizado das regras do espaço se dá através da experiência direta e prazerosa de manipular a matéria.

Com o avanço das experimentações, os estudantes começam a perceber como pequenas variações nos gestos e nas escolhas estruturais podem gerar resultados radicalmente distintos. A dobra que antes apenas erguia o papel agora sugere um abrigo; o corte que atravessava a folha transforma-se em passagem ou abertura. Dessa forma, o exercício vai além da exploração formal e passa a instigar uma leitura mais complexa do espaço, onde cada construção potencializa narrativas, funções e sentidos distintos. O que começa como jogo com o papel se desdobra em um primeiro contato com os princípios que regem a criação no campo tridimensional e com a potência expressiva das formas no espaço.

Esse processo também estimula o olhar atento para o comportamento dos materiais, desenvolvendo nos alunos/as uma postura investigativa e sensível diante das



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

possibilidades que emergem do fazer manual. A partir do envolvimento com o tempo do gesto, o aprendizado se enraíza não apenas no raciocínio espacial, mas também na experiência estética e sensorial que acompanha a construção de cada forma.



Plano_Espaço

Produção Tridimensional I - 2022.1 - Profª Drª Regina Johas



Imagem 1. Maquete Plano-espaco, 2022. André Luiz Bezerra.

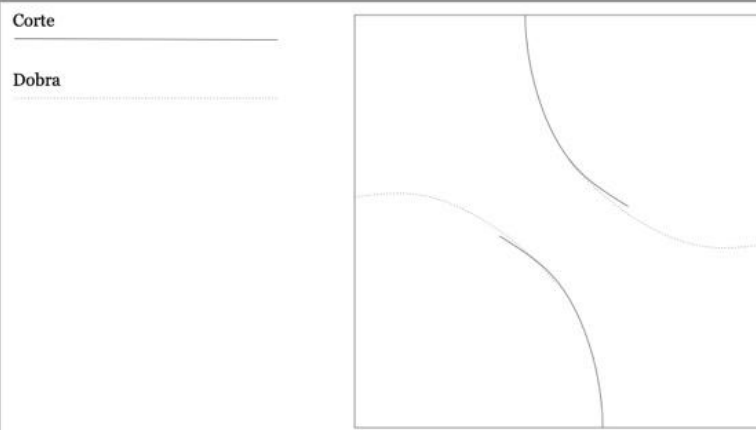


Imagem 2. Maquete Plano-espaco, 2022. Ana Julia de Lima Costa



4. Esferas Públicas: Arte, Contexto e Fragmentação Contemporânea

A continuidade da proposição *Do Plano ao Espaço* — partir da experimentação inicial em maquetes de papel para posteriormente investigar intervenção no espaço público — nos coloca a seguinte questão: como considerar o que se entende por espaço público na contemporaneidade, assim como os modos pelos quais intervenções críticas e artísticas podem nele operar? Pergunta essa que se faz Simon Sheikh ao refletir sobre essa problemática hoje, em seu texto "No lugar da esfera pública? Ou, o mundo em fragmentos" (*Urbânia* 3). Aquilo que já foi entendido, sob a perspectiva modernista, como uma esfera pública homogênea e ideal, hoje se desdobra em diversas arenas de expressão, ação e recepção. Essa multiplicidade demanda uma transformação nas maneiras de conceber e produzir arte pública, bem como na própria ideia de público, questionando a noção burguesa de uma racionalidade universal.

Se a arte moderna partia da ideia de um objeto artístico auto-referencial, em consonância com uma esfera pública uniformizada, hoje assistimos a um deslocamento. "Em oposição aos ideais do alto modernismo de um trabalho de arte singular, autônomo e formalmente completo, consideraremos agora os trabalhos de arte localizados em um campo heterogêneo, onde as significações e as informações do trabalho mudam em relação ao espaço, aos contextos e aos públicos" (SHEIKH, 2008, p. 128). Isso implica reconhecer que não há mais um espectador genérico, mas sim uma pluralidade de posições de recepção.

No cenário atual, a forma, a situação e o público da obra de arte deixaram de ser elementos fixos ou estáveis. As conexões entre eles precisam ser continuamente revistas e ajustadas. Assim, a obra se desprende de suas configurações materiais tradicionais e dos espaços institucionais convencionais, passando a atuar em redes, plataformas alternativas e em uma variedade de contextos sociais. Sheikh propõe pensar a esfera pública como "espaços de experiência".



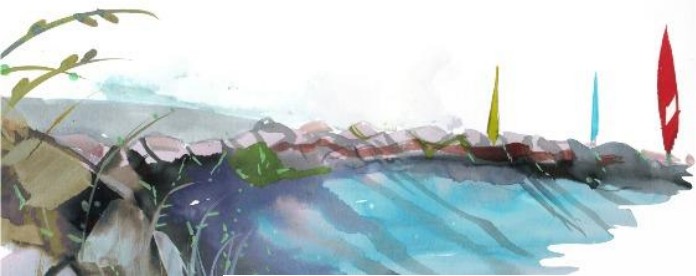
Atualmente os espaços públicos devem ser compreendidos como instáveis, diversos e carregados de contradições, tanto em suas representações quanto em seus usos. Assim, a esfera pública contemporânea deve ser pensada como “fragmentada, consistindo em um número de espaços e/ou formações que às vezes se conectam, às vezes se isolam, e que possuem relações contraditórias e conflituosas umas com as outras” (SHEIKH, 2008).

Nesse contexto, práticas artísticas contemporâneas passam a operar em diferentes fragmentos e campos. Em vez de se basearem em um ideal normativo de esfera pública, elas formulam novas relações, questionando constantemente: para quem se fala, a partir de onde e sob quais condições?

5. Paisagens em Disputa: A Arte na Transformação do Urbano

Partindo da problematização acima, as experiências reunidas neste tópico revelam como a prática artística, no contexto da formação em artes visuais, pode se afirmar tanto como ato sensível quanto como ferramenta crítica ao pensar cidade, esfera pública e arte inserida em contextos superpostos. Ao se depararem com o desafio de agir no espaço urbano, os estudantes se deparam com espaços transitórios e múltiplos nas suas significações e representações. Além de exercitar habilidades formais, eles despertam para as camadas invisíveis que estruturam a vida coletiva: as marcas do colonialismo, a exclusão de corpos dissidentes, a invisibilização das infâncias e a aridez dos ambientes dominados pelo concreto. Em meio às tensões e contradições que atravessam o cotidiano — agravadas por desigualdades estruturais, vulnerabilidades ambientais e disputas simbólicas —, a arte emerge como meio de escuta, visibilização e reinvenção dos vínculos entre corpos, territórios e afetos.

Os projetos apresentados pelos estudantes propõem reabertura de caminhos, reinserção do verde e reconexão entre espaços e pessoas. Ao transformar o espaço público em campo de experimentação, a arte se torna ação política e gesto coletivo,



desafiando padrões estabelecidos e ativando novas possibilidades de convivência, revelando a potência da arte como agente crítico e transformador da realidade urbana.

5.1 A Cidade Como Território de Reinvenção / Reencantar a cidade: infâncias, espaço público e a poética urbana

Pensar a cidade como lugar para as crianças é repensá-la como espaço de convivência, lazer e encontro entre diferentes. Em contraste com os ambientes controlados e voltados ao consumo, o espaço público carrega a potência de ser um território aberto, onde a experiência coletiva se sobrepõe à lógica da mercantilização.

Enquanto os shoppings oferecem uma experiência previsível, higienizada e controlada, a cidade viva — com seus espaços públicos acessíveis — propicia o imprevisto, a diversidade e a experimentação. Para as crianças, isso significa a possibilidade de correr, pular, criar jogos e narrativas próprias a partir dos elementos urbanos. Para a sociedade como um todo, representa a chance de reativar formas de convivência baseadas no uso comum dos espaços e no reconhecimento da pluralidade que habita a cidade.

Essa visão se alinha com o pensamento de David Harvey, que associa o direito à cidade à luta contra a mercantilização da vida urbana. Para Harvey, esse direito inclui “o poder de moldar a cidade conforme nossos desejos e necessidades mais profundos” (HARVEY, 2014, p. 26), o que implica disputar o planejamento urbano com as forças econômicas que o capturam. A defesa de uma cidade onde o brincar seja possível, onde a presença infantil não seja apenas tolerada, mas acolhida, é também uma recusa às formas de planejamento urbano que priorizam o lucro, a vigilância e a eficiência em detrimento da vida.

Essa perspectiva dialoga, por exemplo, com obras como a da artista sul-coreana Koo Jeong A, cuja prática artística propõe experiências urbanas sensíveis, lúdicas e



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

desmercantilizadas. Em projetos como *OTRO* (2012), pista de skate fosforescente construída em espaço público, Koo transforma o chão da cidade em um campo de invenção e encantamento. Ao propor espaços acessíveis e lúdicos, a artista subverte a lógica funcional da cidade contemporânea, convidando à desaceleração, à escuta e ao jogo — práticas banidas do planejamento urbano neoliberal.

Defender o espaço público como território de lazer e convivência é, portanto, afirmar o direito à cidade em sua dimensão plena, onde brincar e estar dependam da simples condição de pertencer ao tecido urbano. Trata-se de restituir à cidade sua dimensão poética, onde o comum se manifesta no compartilhamento do sensível.

As proposições de Geovanna Grunauer (imagem 3), Paloma Felipe (imagem 3) e Ana Flávia de Almeida Silva (imagem 5) abraçam essa discussão, articulando referências como as pistas de skate de Koo Jeong A, acima citadas, as esculturas públicas lúdicas de Anaísa Franco (*Trinity Loop* e *Solar Hive*), o projeto de parque infantil para o Clube Espéria, de Waldemar Cordeiro (São Paulo, 1966), ou ainda as criações de Niki de Saint Phalle em Golem (Jerusalém, 1972), a *Pumpkin Playhouse* de Yayoi Kusama (Naoshima, Japão, 1994) e as estruturas têxteis lúdicas de Toshiko Horiuchi MacAdam. Essas inspirações evidenciam um interesse comum por formas artísticas que ativam o espaço público por meio do brincar, do sensível e do coletivo.

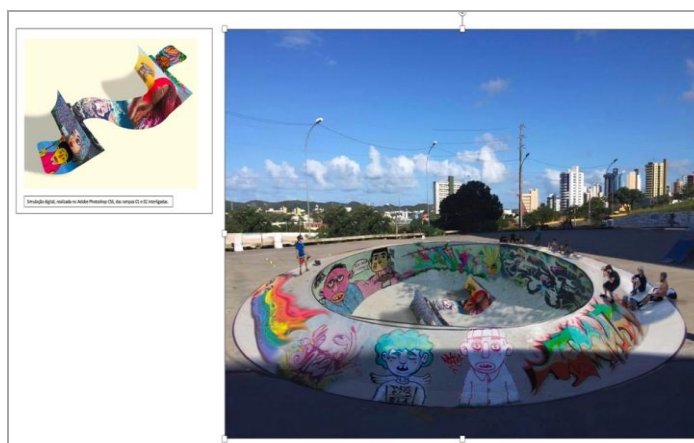
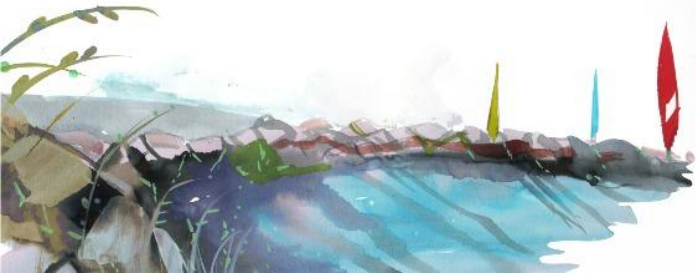


Imagem 3. Intervenção urbana, 2017. Geovanna Grunauer.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 4. Intervenção urbana, 2023. Paloma Felipe.



Imagem 5. Intervenção urbana, 2024. Ana Flávia de Almeida Silva.



5.2 Reverdecer a Cidade: Intervenções Urbanas na Era do Antropoceno

Inserir o verde na cidade hoje não é uma escolha estética ou um gesto pontual, mas uma ação que carrega potência crítica e necessidade urgente diante dos desafios do Antropoceno. Com a crise climática, o colapso da biodiversidade e a urbanização acelerada que impermeabiliza os solos e sufoca os ecossistemas, a reintrodução da natureza nos ambientes urbanos se torna ato de resistência e de reinvenção da relação entre humanos e seu entorno.

As propostas de intervenção que buscam replantar o verde — sejam canteiros improvisados, jardins efêmeros ou reocupação vegetal de espaços degradados — funcionam como dispositivos de resgate da vitalidade da cidade. Essas ações desestabilizam a lógica da urbanização neoliberal, que privilegia o concreto, o asfalto e a mercantilização dos espaços, e propõem alternativas que devolvem porosidade, frescor e diversidade ao ambiente urbano.

Nesse contexto, intervenções artísticas como as de Mary Mattingly, com seus jardins flutuantes e ecossistemas móveis, exemplificam uma imaginação ecológica que articula sobrevivência, autonomia e arte pública. Projetos como *Swale* — uma barca cultivável que oferece alimentos gratuitos em Nova York — reconfiguram a cidade como um organismo vivo, em constante negociação entre o natural e o artificial. De maneira semelhante, Carolina Caycedo, em obras como *Be Dammed*, articula práticas artísticas com lutas socioambientais, revelando as camadas invisíveis da degradação ecológica causada por grandes obras de infraestrutura e tensionando os limites entre justiça social e justiça ambiental.

Já Jorge Menna Barreto propõe uma ecologia da alimentação como forma de reeducar o olhar para o solo e para as plantas, como em seu projeto *Restauro* (32. Bienal de São Paulo), onde o cardápio é pensado em diálogo com as espécies nativas e o bioma local, invertendo o gesto de consumo por um gesto de escuta e cuidado com o ambiente. Essas práticas artísticas se alinham com o que Donna



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Haraway (2016, p. 103) chama de “fazer parentes” (*making kin*), ao convocar alianças multiespécies e propor modos de habitar o planeta que recusem a lógica da separação e do domínio. Como ela afirma, “precisamos nos reinventar como criaturas que fazem parentes, que se importam com a terra e com os outros seres” (HARAWAY, 2015, 260). Assim, as práticas artísticas que exploram a coabitação ressoam com seu conceito de “simpoiese” — processos coletivos e colaborativos de criação e sobrevivência.

Nesse sentido, é possível pensar, com Bruno Latour, que essas intervenções não são apenas representações da natureza na cidade, mas ações que constroem uma nova zona crítica, “a fina camada da Terra onde a vida floresce, mas também onde a ação humana altera profundamente os sistemas de suporte à vida” (LATOURE, 2020, p. 28). O espaço urbano, assim, deixa de ser pano de fundo para se tornar um ator nas negociações multiespécies: “A Terra não é mais o pano de fundo das ações humanas, mas um ator que responde, que reage às nossas intervenções” (LATOURE, 2017, p. 94).

Essas reflexões e referências serviram de base para a produção de inúmeros projetos, dentre os quais destacamos os de Ana Julia de Lima Costa e Mariana Martins. Na era do Antropoceno, em que as fronteiras entre natureza e cultura se mostram cada vez mais permeáveis, as alunas exploraram em suas proposições práticas que apontam para uma forma de urbanismo mais relacional, que reconhece a interdependência entre o social e o ambiental e abre caminho para imaginar futuros urbanos mais sustentáveis.

Ana Julia de Lima Costa (imagem 6), Mariana Martins (imagem 7): inserção de áreas verdes em espaços urbanos degradados, como praças abandonadas, calçadas amplas e terrenos baldios.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 6. Intervenção urbana, 2022. Ana Júlia de Lima e Costa.

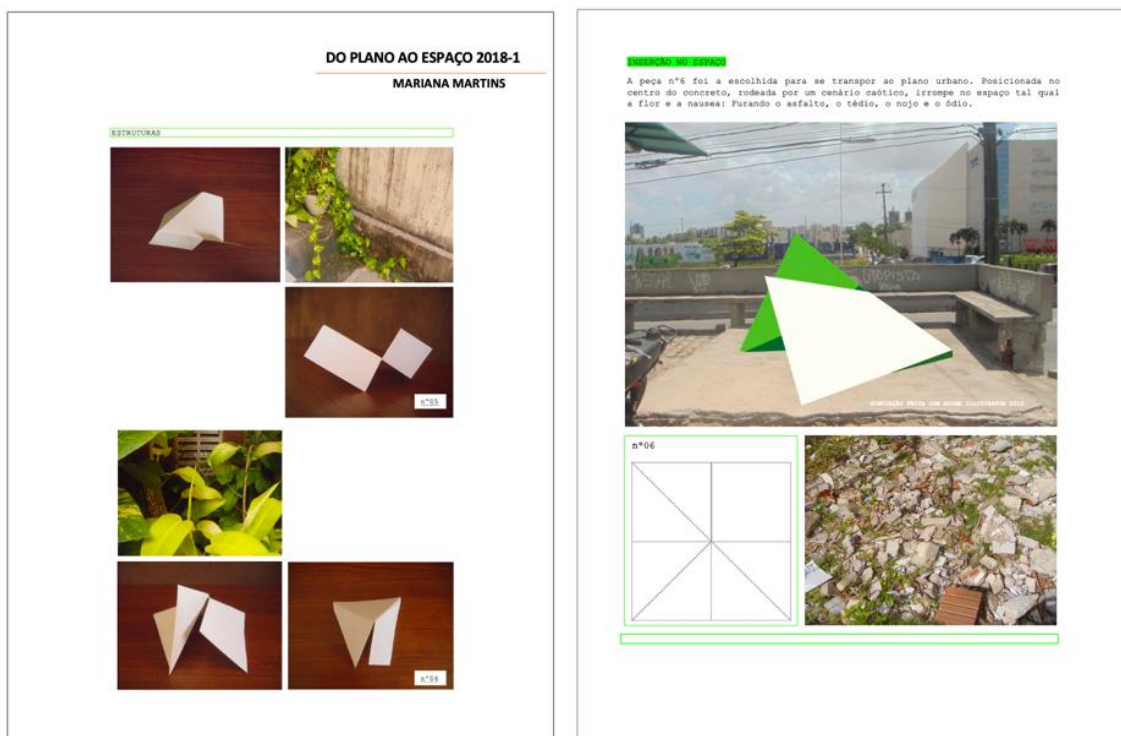


Imagem 7. Intervenção urbana, 2017. Mariana Martins.



5.3 Cidade Sem Abrigo: O Direito à Moradia Como Desafio Urbano e Decolonial

A presença crescente de moradores em situação de rua nas cidades expõe, de forma brutal, a falência das políticas habitacionais e a desigualdade estrutural que organiza o espaço urbano. Mais do que uma crise social visível, trata-se de uma negação sistemática do direito fundamental à moradia, que fere diretamente a dignidade humana e aprofunda a exclusão de populações historicamente marginalizadas.

Enfrentar essa realidade exige mais do que soluções emergenciais: é necessário questionar o modelo de cidade que privilegia a especulação imobiliária, a gentrificação e a privatização dos espaços em detrimento das necessidades básicas da maioria. As raízes desse processo são de natureza decolonial, pois repetem lógicas de expropriação, expulsão e violência que remontam à colonização e que continuam a operar sobre os corpos racializados, empobrecidos e dissidentes.

Nesse contexto, o conceito de abrigo pode ser compreendido em múltiplas camadas: como abrigo físico e espacial, abrigo ecológico e pós-antropocêntrico e abrigo simbólico e político. Em suas estruturas efêmeras feitas com materiais reciclados, Tadashi Kawamata propõe intervenções que tensionam o espaço urbano e evidenciam a exclusão social. Para o artista, “o abrigo é uma arquitetura mínima que expressa a urgência do presente” (KAWAMATA, 2015, p. 42). Suas obras funcionam como ocupações temporárias e gestos de resistência frente à negligência institucional.

No campo do abrigo ecológico e pós-antropocêntrico, Tomás Saraceno, com o projeto *Aerocene*, propõe formas de habitar baseadas em redes de solidariedade interespecies, em oposição às arquiteturas extrativas do capitalismo tardio. Suas biosferas flutuantes são protótipos de habitação leve, suspensa, planetária — uma proposta utópica de abrigo que se descola da lógica do consumo e da terra privatizada.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Já o abrigo simbólico e político pode ser ativado por meio da arte como espaço de acolhimento e desvio das normatividades. Os Ninhos de Hélio Oiticica operam como “ambientes habitáveis”, convites ao descanso, à desobediência e à invenção de modos de existência insurgentes no interior da cidade disciplinar. Eles deslocam a função do abrigo da mera proteção para a experiência sensível e coletiva do estar-junto. Segundo Oiticica, seus ambientes eram “propostas de vivência e não apenas de contemplação”, formas de “descondicionar o comportamento” (OITICICA, 2006, p. 58).

São alguns dos exemplos que contribuíram para aprofundar a reflexão e a pesquisa dos projetos voltados a esses encaminhamentos, como os de Matheus Vinicius Lemos de Souza (imagem 8), Vivian de Carvalho Aguiar (imagem 9) e Danilo Andrade (imagem 10). Em suas proposições, o direito à moradia é compreendido como um ato de reparação histórica e justiça social, que exige o reconhecimento das pessoas em situação de rua como sujeitos de direito. Romper com as lógicas neoliberais e coloniais que estruturam a exclusão é fundamental para que a cidade se transforme, de fato, em um território comum — onde o abrigo e a dignidade deixem de ser privilégios e se tornem garantias universais. Matheus Vinicius Lemos de Souza ativou o anfiteatro Ancelino (Assu, RN), um local marcado pelo passado colonial e escravocrata, propondo uma reconfiguração da memória coletiva.





extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 8. Intervenção urbana, 2023. Matheus Vinicius Lemos de Souza.

Vivian de Carvalho Aguiar interveio na Praça Clóvis Beviláqua (Fortaleza), ocupada por pessoas em situação de rua, criando uma estrutura simbólica de resistência.

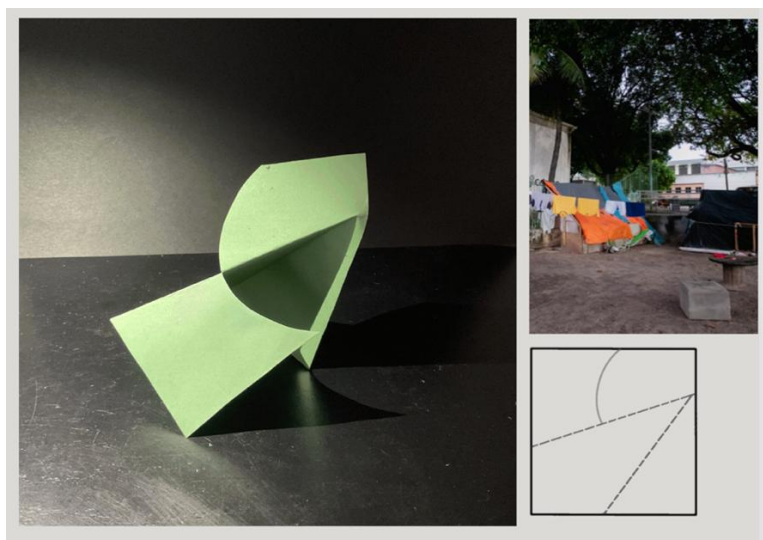


Imagem 9. Intervenção urbana, 2023. Vivian de Carvalho Aguiar.

Danilo Andrade criou uma escultura que só se completa quando apropriada como abrigo ou local de descanso, dialogando com a noção de "arte útil".



Imagem 9. Intervenção urbana, 2022. Danilo Andrade.



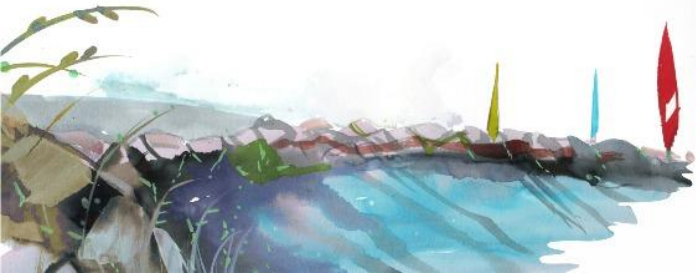
6. Arte como Prática Social: Participação e Transformação

A prática didática proposta nesta disciplina encontra eco em vertentes da arte contemporânea que enfatizam a participação ativa do público e a transformação social como eixos centrais da criação artística. Um dos referenciais centrais desse pensamento é o conceito de *arte útil*, desenvolvido pela artista cubana Tania Bruguera.

Conhecida por suas práticas inovadoras que combinam arte e ativismo, com foco em transformar o público em agentes ativos de seu próprio contexto social e político, Bruguera opera a partir do conceito de ativismo, ou arte como ação política, noção central em seu trabalho, e uma de suas ideias fundamentais é o que ela chama de *arte útil*. Bruguera acredita que a arte deve ser uma ferramenta de transformação social, funcionando como um meio para questionar e modificar as estruturas de poder, especialmente aquelas relacionadas à política, identidade e controle social. A *arte útil*, portanto, é aquela que tem um impacto direto na realidade social e que envolve o público em processos de mudança, mais do que apenas transmitir uma mensagem ou gerar uma experiência estética.

Um exemplo emblemático do seu trabalho é o projeto *Immigrant Movement International*, que visa criar espaços de integração e defesa para imigrantes, promovendo não apenas uma reflexão sobre a situação desses indivíduos, mas também mobilizando a comunidade para ações concretas. Nesse sentido, a arte deixa de ser um fim em si mesma e se torna um meio para engajamento social e político.

Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Joseph Beuys, que propôs o conceito de *escultura social* para ampliar a noção tradicional de escultura. Para Beuys, toda ação humana com potencial transformador poderia ser considerada escultura – não mais restrita a objetos materiais, mas entendida como um processo coletivo de reorganização das estruturas sociais. Seu famoso lema "todo ser



humano é um artista" resume essa visão ampliada da criação como prática social e política. A *escultura social*, portanto, é um processo colaborativo e interativo, no qual as pessoas se envolvem ativamente na criação de novas formas de organização e convivência.

Ao associar esses referenciais à prática pedagógica da disciplina, evidencia-se o potencial transformador do ensino da tridimensionalidade. A metodologia *Do Plano ao Espaço* propõe que a passagem do bidimensional ao tridimensional se dê não apenas em termos formais, mas como uma inscrição do aluno no campo expandido da arte socialmente engajada.

Essa abordagem aproxima-se das práticas de arte em contexto, nas quais a criação artística emerge do diálogo com situações socioculturais específicas, priorizando o processo e a construção relacional em detrimento do objeto final. Além disso, articula-se com os princípios da crítica institucional, uma vertente da arte contemporânea que se propõe a interrogar os modos de funcionamento do sistema da arte – museus, galerias, políticas culturais –, questionando os papéis estabelecidos de artista, obra e público.

Ao serem desafiados a desenvolver propostas tridimensionais que dialoguem com seus contextos – físicos, simbólicos, institucionais –, os estudantes são convidados a compreender a arte como prática situada e politicamente implicada. A escultura, a instalação e a intervenção tornam-se, assim, ferramentas críticas, capazes de tensionar normas e criar outros modos de existência no espaço comum. Nesse sentido, o ensino da tridimensionalidade se configura como um exercício de imaginação política e invenção coletiva de novos mundos possíveis.

7. Conclusão

A proposição *Do Plano ao Espaço* revela-se uma estratégia pedagógica potente e multifacetada, ao integrar a transição para o tridimensional com a formação crítica e o engajamento com questões contemporâneas. A metodologia demonstrou eficácia



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

em reduzir a resistência inicial dos alunos à tridimensionalidade, favorecendo uma compreensão mais orgânica da construção espacial, ao mesmo tempo em que proporcionou uma vivência expandida do fazer artístico, voltada à transformação social.

Ao articular práticas tridimensionais com intervenções urbanas, a proposta reposiciona o aluno como agente ativo nas proposições de reconfiguração do espaço público. As ações realizadas evidenciaram a ativação crítica desses espaços, como no caso da Praça Clóvis Beviláqua, que se tornou campo de disputa simbólica e diálogo comunitário.

Ampliando a noção de escultura para além do objeto, como um gesto de participação social, o exercício também fomentou o uso de materiais recicláveis e estruturas efêmeras, alinhando-se a preocupações ambientais, posicionando a prática em sintonia com os desafios do Antropoceno e com as proposições da arte ambiental contemporânea.

Assim, a proposição *Do Plano ao Espaço* não apenas desenvolve o repertório formal, mas configura uma pedagogia expandida, em que a arte se consolida como campo de experimentação ética e política. Ao operar na confluência entre forma, espaço e sociedade, o ensino da tridimensionalidade transcende os limites do ateliê e afirma seu potencial como instrumento para imaginar, construir e disputar modos de vida mais colaborativos, críticos e sustentáveis.

Referências

Arte Útil: <https://www.arte-util.org>

BISHOP, Claire. *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. Verso, 2012.

DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne. *Art in the Anthropocene*. Open Humanities Press, 2015.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

HARAWAY, Donna; KENNEY, Martha. Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Donna Haraway in conversation with Martha Kenney. In: DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne (org.). *Art in the Anthropocene: encounters among aesthetics, politics, environments and epistemologies*. Londres: Open Humanities Press, 2015. p. 255–270.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KAWAMATA, Tadashi. *Tadashi Kawamata: Cartographies of Intervention*. Paris: Palais de Tokyo, 2015.

KOO JEONG A. *OTRO Project*, Arques, França, 2012.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: Oito Conferências sobre a Natureza no Antropoceno*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução de Paula Ghiraldelli. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao Grande Labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ROSENTHAL, Dália. "Joseph Beuys: o elemento material como agente social." UFRJ, 2004.

SARACENO, Tomás. *Aerocene Manifesto*. Berlin: Studio Tomás Saraceno, 2015. Disponível em: <https://aerocene.org>. Acesso em: 21 maio 2025.

SHEIKH, Simon. No lugar da esfera pública? Ou, o mundo em fragmentos. *Urbânia*(3), São Paulo: Editora Pressa, n. 4, p. 127–135, 2008.